ANTONIO CANDIDO MINISTRANDO AULA NA FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS,
EM 23 DE AGOSTO DE 1963.

NOTAS SOBRE O MÉTODO CRÍTICO DE ANTONIO CANDIDO¹

Simone Rossinetti Rufinoni

*o ensaio não quer captar o eterno nem destilá-lo
do transitório; prefere perenizar o transitório [...].*
T. Adorno, “O ensaio como forma”.

Os ensaios de Antonio Candido “De cortiço a cortiço” (1973) e “Dialética da malandragem” (1970) são considerados textos fundadores da crítica literária dialética no Brasil. No famoso estudo dedicado à obra de Aluísio Azevedo, a peculiaridade do raciocínio do crítico, cujos pressupostos estão atrelados à ideia de *Formação*, termo clássico na ensaística de explicação do caso brasileiro, traduz-se na busca de linhas evolutivas da “história dos brasileiros no desejo de ter uma Literatura”,² percurso que, por sua vez, consiste no momento formativo de uma outra história: “a dos brasileiros no desejo de ter uma crítica literária”.³ O redimensionamento e a valorização da função estruturadora da forma como elemento moldado pelas mediações da vida social configuram a originalidade do crítico, como ressalta Roberto Schwarz, uma “estrutura de estruturas”,⁴

1 Uma primeira versão deste ensaio foi publicada na Revista *Dissenso* (São Paulo, n. 01, 1997) com o título “Considerações sobre o método crítico de Antonio Candido no ensaio ‘De cortiço a cortiço’”.

2 CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1969, p. 25.

3 ARANTES, Paulo. “Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo”. In: *Dentro do texto, dentro da vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 25.

4 Termo empregado por Roberto Schwarz no ensaio “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’”. In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 140.

que promove o reconhecimento da forma social engendrada pela disposição e pelos núcleos de significado dos objetos artísticos.

Segundo Schwarz, o método de Candido procede à revitalização da crítica sociológica, rastreando um percurso interpretativo que não se deixa levar pela linhagem crítica que compreende a obra como mera duplicação tautológica e, portanto, dispensável, da realidade, ou pelo extremo oposto que incorre na ilusão da autonomia da obra da arte com relação ao sistema no qual está inserida, concebendo a interpretação como recurso desprovido de categoria hermenêutica. Dupla articulação, portanto: a reflexão sobre as formas implica a percepção do complexo de relações que a sociedade articula, ao contrário da supervalorização autárquica da estrutura que, paradoxalmente, acaba por subestimá-la, uma vez que ao privá-la da sua substância mais produtiva, a historicidade, irremediavelmente a confina a uma espécie de generalidade sem objeto, sensaboria das formas sem referencial. Assim como ocorre em “Dialética da malandragem”, ensaio sobre *Memórias de um Sargento de Milícias*, o método consiste em identificar a dinâmica interna, desentranhada da forma e capaz de redimensioná-la, lendo-a enquanto estrutura de compleição e referência prático-histórica, procedimento por meio do qual o contexto social, a configuração das classes e os esquemas peculiares à formação da sociedade burguesa no país são captados. Nesse caso, reconhecendo o movimento social de fins do XIX no “balanceio” entre o eixo da desordem (pré-burguês) e da ordem (burguês) próprios da pequena burguesia da época, sem embargo da operação final totalizadora, ressaltada por Roberto Schwarz,⁵ incompatível com os parâmetros tomados à tradição dialético-marxista, não mencionados, mas largamente acolhidos pelo crítico.

Tratando de distinguir os temas e elementos tomados à *L'Assomoir*, de Zola, da reordenação do modelo ao contexto local a partir da configuração das condições próprias ao meio brasileiro, Antonio Candido destaca a complexidade do papel da fonte europeia como uma questão de “filiação de textos e de fidelidade aos contextos”;⁶ daí a peculiaridade da forma do romance de Aluísio Azevedo que funcionaria como força criativa nova e eficaz fazendo da obra um “mundo” sem a ilusão da originalidade absoluta, já que a obra é também “filha do mundo”. Da natureza ambígua das mediações, o crítico expõe as semelhanças: ambas as narrativas são de pobres habitações coletivas,

5 As considerações de Roberto Schwarz a respeito do ensaio “Dialética da malandragem” de Antonio Candido fazem parte do ensaio citado na nota anterior.

6 CANDIDO, Antonio. “De cortiço a cortiço”. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993, p. 124.

onde a promiscuidade e a violência culminam na degradação e animalização dos indivíduos; e realça as diferenças: enquanto em Zola cada romance representa um núcleo temático da sociedade francesa, em Aluísio Azevedo, dada a condição de um país de economia periférica semicolonial, é possível a coexistência e, portanto, o confronto entre o explorador e o explorado. É a partir dessa relação do capitalismo primitivo, acrescido do projeto do acumulador de dinheiro e explorador do trabalho quase servil, tudo isso em torno das transformações por que passa o cortiço, que Candido afirma a produção de uma obra de valor artístico superior às fontes primeiras que lhe serviram de empréstimo: força da fidelidade ao meio, mesmo que filiada a outros, trazendo, como evidenciará a investigação da superação do enfoque ideológico do romance rumo ao amplo alcance do valor mimético da forma, as condições do subdesenvolvimento configuradas pelo ritmo da acumulação do capital. Espécie de dialética do local e do universal, ou dupla fidelidade: ao elemento local e às mediações externas que possibilitam, por meio do processo de acumulação da tradição literária em seus acertos e desacertos, o aprofundamento da história contemporânea. Dialética como oscilação de opostos, como incessante movimento pendular, mas também como princípio de síntese, salto no sentido de incorporação do nacional ao universal. Em vez de mero contexto, a sociedade avulta como resultante das forças profundas, organizadoras da experiência estética, que podem vislumbrar, a partir da singularidade da feição interna do problema, a complexidade dos desdobramentos da história mundial.

Seja para insistir na ideia social de forma, buscando a estrutura extraliterária que seria reordenada no interior da obra, seja para mostrar que a observação contextual pode preceder à observação estética, o crítico traz à tona um dito recorrente no Rio de Janeiro do período, segundo o qual: “para português, negro e burro, três pês: pão para comer, pano para vestir, pau para trabalhar”.⁷ A gíria vulgar expressa a ideologia da época cujo emissor latente, o mesmo que orienta o enfoque narrativo do romance, seria o branco livre e pobre que não desejaria igualar-se ao negro ou ao português, ambos identificados com o trabalho visto como derogatório. A tomada de uma forma externa como o dichote, a fim de entrever o caráter de classe que percorre a camada superficial da obra, mostra-se recurso fértil: o teor ideológico da pilhéria pode desvendar preconceitos e delinear relações sociais cujas resultantes estarão presentes na narrativa, mesmo que a compleição do movimento geral da estrutura as desautorize. Assim, a expressão ideológica dos pês

7 Idem, p. 128.

desnuda uma problemática de classe, já que “a sociedade figura por meio de um resultado seu”,⁸ e passa à ordenação interna do romance; ao trabalhar como elemento formal o que parecia disposição externa, proporciona autonomia e dinamismo à estrutura a ponto de superar o que era estímulo, criar um “mundo” enérgico e violento cuja força é capaz de lançar novas luzes sobre a realidade externa. Ao contrário da linhagem que identifica na crítica de cunho dialético-marxista um reducionismo que submete a forma a papel secundário, o ensaio de Antonio Candido prova que o dado aparentemente extraliterário passa a elemento interno e a autonomia dialógica do motivo mobilizado pode assumir valor de ruptura em relação ao conjunto de ideologias veiculado pelo romance. A interpretação desvenda a dissonância, motivo de força e independência das configurações artísticas, contra o papel redundante que pode ser promovido pela ideia de mimese.

Num primeiro momento, a sentença grosseira evidencia um sistema de reflexos e preconceitos de classe identificados com o naturalismo e o nacionalismo, que opõem o negro ao branco, o branco ao português, o clima dos trópicos (o efeito do sol como fomentador dos instintos) ao da Europa. O efeito de superfície é o da ideologia do emissor, do homem branco e livre da época que pretende prolongar os privilégios da ordem colonial; contudo, num nível profundo a “verdade dos pés”⁹ ou, como quer Roberto Schwarz, o “rendimento literário”¹⁰ do enfoque revela o mecanismo primário de acumulação de riqueza que redistribui os elementos desta trinca: “primeiro, o explorador capitalista; segundo, o trabalhador reduzido a escravo; terceiro, o homem socialmente alienado, rebaixado ao nível do animal”.¹¹

Fiel ao “sentimento dos contrários”¹² que orienta sua crítica, cuja genealogia é tratada em seu ensaio “O significado de *Raízes do Brasil*”,¹³ Antonio Candido articula o ritmo de dois movimentos opostos no romance, o que chama de “dialética do espontâneo e do dirigido”; de um lado, afinado com as características naturalistas, forças de caráter biológico que influem sobre a raça, o movimento centrípeto que atua de fora para den-

8 SCHWARZ, Roberto. “Originalidade da crítica de Antonio Candido”. *Novos Estudos Cebrap*, n. 32, p. 39, 1992.

9 CANDIDO, Antonio. “De cortiço a cortiço”, cit., p. 132.

10 SCHWARZ, Roberto, op. cit., p. 40.

11 CANDIDO, Antonio, op. cit., p. 118.

12 ARANTES, Paulo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 21.

13 CANDIDO, Antonio. “O significado de *Raízes do Brasil*”. In: *Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

tro do cortiço; de outro lado, encarnando o projeto racional do ganhador de dinheiro, o movimento de dentro para fora, centrífugo, que concentra a luta do estrangeiro para vencer o meio. Ritmo narrativo que insinua o movimento social, manifestando, por meio da passagem e supremacia do “dirigido” sobre o “espontâneo”, a lógica do processo de acumulação do capital. Como em “Dialética da malandragem”, os dois polos coexistem e possuem dimensões opostas; o balanceio entre as duas ordens, Brasil burguês e pré-burguês, simula o ritmo da sociedade, de modo que a dialética do espontâneo e do dirigido aponta para o sistema de relações ideológicas da época cujo dinamismo, tornado forma, revela a dinâmica econômica do atraso nacional. Desse modo, a estrutura literária imprime lastro local à discussão naturalista, atualizando temas que passam, graças ao dinamismo da fatura, a abranger o país em sua totalidade, tornando-se ela mesma fonte de conhecimentos da realidade, incompatível com a base preconceituosa do emissor latente que parecia orientar a visão da vida social expressa no romance. Assim, a apreensão do processo “impessoal” de acúmulo de riqueza é o resultado da articulação profunda das linhas de força da configuração formal da obra; apresenta um desvio da visão naturalista de representação, abrindo a perspectiva de uma outra mimese que surge do interior mesmo do processo construtivo, do entrechoque contraditório das cargas ideológicas latentes, que desmobiliza as perspectivas particulares, invertendo os chavões cientificistas e trazendo para a dinâmica do romance a imitação do andamento da formação de um momento periférico da história do capitalismo. Marcha geral da sociedade que a estrutura contempla ao desautorizar as formas anteriores da obra, quais sejam, a luta entre as raças, o imperativo do meio, o nacionalismo ou a visão de classe promovida pelo dito dos pés. Novamente a “estrutura de estruturas”: entrever, na peculiaridade estética de uma dada obra, a especificidade da história contemporânea. Necessidades de representação da realidade que se tornam possíveis “graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão do mundo”.¹⁴

Mas, além de imagem aterradora da realidade, a análise aponta para o fato de que o cortiço é ainda uma figuração do Brasil. Paradoxalmente, o romance naturalista parece ir além da realidade observável, o que permite a apreciação da habitação coletiva como retrato do país, uma espécie de Brasil miniatura devido à coexistência de tipos, raças e nacionalidades, todos em torno de um objeto físico, social e simbólico – o cor-

14 Idem. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985, p. 55.

tiço – e de um projeto primitivo de exploração capitalista. Ocorre que a necessidade de representar “antinaturalisticamente” o país por acréscimo, o que segundo o crítico não se apresentava para Zola, faz o jogo de mediações do romance adquirir valor alegórico, elemento cuja força representativa e formativa marca uma visão do país segundo as concepções do tempo. Essa espécie de “realismo alegórico” advém de uma camada implícita que suspende o curso da representação e imprime um significado segundo ao peculiar conjunto de relações sociais engendrado pela ordenação da matéria literária. Nesse caso, o cortiço emerge como figuração do país, interpondo, na cadeia de correlações que perfazem a apreensão literária da realidade, o sentido específico de cunho alegórico: o objeto título da obra e palco dos eventos é então o próprio Brasil. Para Antonio Candido, muito da força do romance advém dessa contaminação entre os planos real e alegórico.

Alertando para o vínculo entre *formação e representação* literária da realidade, uma das providências formativas do crítico na posição de intelectual na periferia é a de responder à indagação formulada nos seguintes termos: qual o país que tal forma descortina? O sistema de mediações sulcado da experiência estética é muitas vezes parte da busca dessas linhas evolutivas que possam dar conta da construção nacional de uma tradição literária, processo cumulativo do influxo externo e salto qualitativo do exemplar local, cujo coroamento é a imitação em profundidade, pela matéria literária, da lógica interna que preside a complexidade da vida social.

Mas, se em “De cortiço a cortiço” o fundamento para a análise da reversibilidade entre peculiaridade estética e experiência social é o lucro, através dos mecanismos próprios ao andamento do capitalismo periférico, em “Dialética da malandragem” a forma social, cunhada a partir da observação da configuração estética, insere-se num mundo em que a esfera do trabalho está ausente, já que não há escravos. Como lembra Roberto Schwarz em “Pressupostos, salvo engano, de *Dialética da malandragem*”, no ensaio de Candido sobre o romance de Manuel Antônio de Almeida, o movimento dos contrários é específico da identificação de um “modo de ser” de uma dada camada da sociedade brasileira do século XIX, que culmina em uma espécie de síntese totalizadora expressa pela ideia do “mundo sem culpa”. O movimento ensaístico parte de um procedimento de pressuposição dialética, mas opera uma totalização de cunho ideológico burguês, desvendando os eixos da ordem e da desordem como “polaridades historicamente descomprometidas”.¹⁵ A totalização aponta para a ressalva de Roberto Schwarz em face do

15 SCHWARZ, Roberto, op. cit., p. 153.

tratamento que privilegia a forma, mas não a interpreta historicamente por sua vez; “a história não é o chão prioritário de tudo”,¹⁶ espécie de mecanismo dialético que paradoxalmente opera de forma construtiva. Ao investigar as nuances da crítica de Candido, Roberto Schwarz desconfia de qualquer positividade, fazendo coro às observações de Adorno sobre a arte: perante a realidade, toda essência afirmativa torna-se insuportável.¹⁷ Ao minimizar a urgência da “genuína filosofia da história”,¹⁸ não há unidade da luta humana a ser sulcada da experiência estética, nem insistência no caráter de identificação necessária do passado cultural; assim, por trás das superestruturas desvanecem-se a busca do imperativo, em última instância, político. Com a insistência na história nacional desvinculada da história da humanidade, o tom de “fábula realista composta em tempo de *allegro vivace*”,¹⁹ descomprometido e exclusivo do “mundo sem culpa”, recai sobre a ilusão de um “reino da liberdade”, agora sob o signo da reificação da vida contemporânea, já que a totalidade emerge de um aspecto desprovido de causalidade histórica.²⁰ A peculiaridade desse procedimento dialético pressupõe, portanto, histórias particulares, o que afasta a solidariedade da luta humana integrada a uma práxis comum, imanente à especificidade das formas, incorrendo numa concepção idealista tanto da arte quanto da sociedade que lhe serve de referência.

Frente à construção totalizadora final de “Dialética da malandragem”, o ensaio de Schwarz insiste na importância formativa do texto de Antonio Candido identificando, ainda, a natureza das suas articulações. Afinado com as disposições de Adorno a respeito do gênero ensaio, os “pressupostos” críticos de Roberto Schwarz acompanham tanto

16 Idem, p. 151.

17 ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 12.

18 JAMESON, Fredric. “A interpretação; a literatura como ato socialmente simbólico”. In: *O inconsciente político*. São Paulo: Ática, 1992, pp. 16-7: “[...] apenas uma genuína filosofia da história é capaz de respeitar a especificidade e a diferença radical do passado sociocultural, revelando a solidariedade de suas polêmicas e paixões [...] minha posição aqui é a de que apenas o marxismo oferece uma resolução filosoficamente coerente e ideologicamente premente ao dilema do historicismo [...]”.

19 CANDIDO, Antonio. “Dialética da malandragem”. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993, p. 54.

20 De acordo com Fredric Jameson, os projetos individuais pressupõem um reino da liberdade que só fortalece, na realidade, o controle da Necessidade já que a possibilidade de libertação se ampara no reconhecimento da unidade da história coletiva, o que pressupõe a onipresença do inconsciente político presente nos artefatos culturais. Op. cit., p. 18.

a maestria quanto os impasses da engrenagem ensaística de Antonio Candido, permitindo aludir ao caráter ideológico que orienta a urdidura particularmente dialética do referido ensaio sobre o romance de Manuel Antônio de Almeida.

É neste contexto que “Dialética da malandragem”, enquanto representante da tradição da crítica dialética brasileira, no sentido da aproximação da configuração estética com o movimento social correspondente, não prossegue levando às últimas consequências os preceitos de um processo ensaístico que busca a desidealização das formas artísticas, segundo as observações de Theodor Adorno no “Ensaio como forma”.²¹ Nessa discussão, amparada na denúncia da crítica inserida no conservadorismo da tradição formal e no vislumbre da possibilidade da escritura como manifestação de um espírito emancipado, Adorno escreve um ensaio sobre o próprio gênero, matizando e desvendando o enigma da liberdade crítica. O caráter eminentemente negativo aliado à intenção desmistificadora, avessa à síntese, faz desse gênero fragmentário e dialético por excelência, crítica à ideologia, no sentido da renúncia a toda a verdade, da negação do procedimento científico e do combate à transformação das formações culturais em bens de consumo. O “mundo sem culpa” de Candido corre na contramão desse percurso; o procedimento dialético, ou como quer Paulo Arantes, o sentimento da dialética recorrente na obra do crítico (que também percorre a história da experiência intelectual brasileira), revela-se como uma espécie de movimento dos contrários tão caro à obra de Candido, segundo o qual o crítico buscava encontrar em cada tendência a sua componente oposta. No caso do estudo sobre *Memórias de um Sargento de Milícias*, a síntese de Antonio Candido contrapõe-se à heresia do gênero ensaio, oferecendo ao movimento permanentemente destrutivo e negativo a ilusão da verdade presente nas formações culturais. O gênero ensaio pressupõe a radicalidade de uma dimensão crítica que chega a desconfiar de si mesma, protesto contra a reificação da arte e a institucionalização do pensamento.

“O ensaio tem que conseguir que a totalidade brilhe por um momento em um traço escolhido ou encontrado, sem que se afirme que ela esteja presente”;²² a totalidade do ensaio de Antonio Candido, ao contrário, foi afirmada: a síntese do mundo sem culpa. Providências de uma crítica que busca as linhas de força de um sistema literário

21 ADORNO, Theodor W. “O ensaio como forma”. In: *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986 (Col. Grandes Cientistas Sociais).

22 Idem, p. 180.

inconsistente, em que a palavra dialética pode então assumir o sentido de dualidade, antagonismo ou síntese, solução no sentido de integração; passando do polo negativo ao positivo e insistindo na história da formação da aspiração coletiva de uma história literária nacional. Aspectos e riscos da experiência ensaística de um intelectual na periferia do capitalismo cuja história marca a passagem da crítica preocupada com a edificação nacional à crítica que concorre para sua historicidade, sobretudo empenhada na identificação da continuidade de um sistema literário.